

# ARCHITÉCTI

REVISTA DE ARQUITECTURA E CONSTRUÇÃO — REVISTA DE ARQUITECTURA Y CONSTRUCCIÓN

## ANDALUCIA

Rafael Otero  
Ángel Pradas

Pura García Márquez  
Luis Rubiño  
Ignacio Rubiño

Jose L. Daroca Bruño

Ramón Glez. de la Peña

José Morales Sánchez  
Juan Glez. Mariscal

Manuel Matoses Rebollo

Miguel Centellas Soler

Blanca Sánchez  
José R. Galadí

Jasone Ayerbe  
Javier Ruiz Recco

## ISLAS CANARIAS

Jose Sosa Diaz  
Virgilio Gutierrez

Juan Palerm Salazar  
Tavares de Nava  
Jorge Gorostiza

Merce Berenguer Iglesias  
Jose M. Roldán Andrade

Felipe Pich - Aguilera

Xavier Vallcorba Navarro  
Luis Montesinos Costa  
Coque Claret Martí  
Javier Belil Sans

Luis Moreno Mansilla  
Emilio Tuñón Alvarez

Pedro Feduchi Canosa

Mateo Corrales  
Esteban Becerril

Angela García de Paredes  
Ignacio García Pedrosa

Alberto Martínez Castillo  
Beatriz Matos Castaño

Blanca Lleo  
Jesus San Vicente  
Juan Ignacio Mera

Jose Manuel Pafao  
Julian Franco

Rafael Torrelo Fernandez

Frederico Soriano

# ESPAÑA

Manuel Feo Ojeda  
Juan Espino Duran

Manuel Ruisánchez  
Xavier Vendrell Sala

Elisenda Muñoz Peñate

Pep Zarurca  
Mariona Muxart Agell

Juan Ramírez Guedes  
Manuel Bote Delgado  
Benito García Maciá

## COMUNIDAD VALENCIANA

## EUSKADI-NAVARRA

Javier Mozas  
Rufino Hernández  
Alberto Pombo  
Francisco J. Mangado  
Luis María Uriarte

## CATALUÑA-BALEARES

Esteve Aymerich Serra  
Ton Salvadó Cabré  
Elena Moragas Ragué  
Octavio Mestre  
Xavier Valls  
Tonet Sunyer  
Jordi Badia  
Rafael Aranda Quiles  
Carme Pigem Barceló  
Ramon Vilalta Pujol  
María Tàpies

## CARMEN RIVERA GALLEGOS

Javier García-Solera  
Alfredo Paià Benedito  
Jaime Sanahuja  
Josep Carrasco  
Pascual Martínez  
Fermí Sala

## GALICIA-ASTURIAS

Manuel Hernández Sande  
Enrique Hernández Sande  
Carlos Quintans Eiras  
Cristóbal Crespo González  
Jose Manuel Peña Serna  
Jesus Álvarez Florez  
Jose M. Bermúdez Graiño  
Mario F. di Felice Vázquez

## CENTRO-MADRID

Iñaki Ábalos  
Juan Herreros

15/16



*Ilustraciones/Ilustrações:*

1. Enric Pericas, Arqto.

— Edificio de Viviendas entre Medianeras. Barcelona.

2. Jordi Henrich i Monras. Arqto.

— Nave Industrial. Lliça de Vall. Barcelona.

3. Jordi Farrando i Sicilia. Arqto.

— Pabellón Polideportivo. El Raval. Barcelona.

4. Miquel Adrià, Joan Fàbregat, Arqtos.

— Rehabilitación del Ayuntamiento. S.<sup>ta</sup> Margarida de Montbui.

5. Magda Maria, Arqta.

— Medianera. Barcelona.

1

Se, como dizem, o tempo acaba por situar as coisas no seu lugar, a história acabará um dia por dar razão a quem a tem. Mas precisamente a jovem arquitectura, por sua própria definição, carece de história, do tempo necessário para assentar e encontrar-se a si própria, do mesmo que a videira necessita para amadurecer e converter-se em vinho. A jovem arquitectura fala linguagens emprestadas e patenteia as suas referências, entre o prestar homenagem e o ensaio “à maneira de”, enquanto consolida a sua própria voz.

Se a afirmação de Coderch “não há bons arquitectos com menos de quarenta anos” fosse certa, este artigo não teria sentido. Mas Coderch era amigo do arrebatamento fácil. Os tempos mudam e apesar da dificuldade de alguém que começa a ter acesso a projectos relevantes, em raras épocas — na nossa história recente — os jovens arquitectos tiveram acesso a projectos de tanta importância, como na nossa jovem democracia. Isto é devido a duas razões fundamentais: a criação de um sem número de obras públicas por parte das administrações locais, necessitadas de um enorme número de arquitectos; assim como o “boom” do desenho e a “arquitectura de interiores” que permitiu a jovens valores iniciarem-se numa matéria mais de acordo com os conhecimentos de alguém que começa. Os Tomás Morató, Eduard Samsó, Alfred Arribas, poderiam explicar-nos muitas coisas, mas eles são já os nossos “maiores”, por demais conhecidos, e não têm cabimento neste artigo.

Ao arquitecto recém-formado restam-lhe duas opções claras: ou integrar-se num atelier de certa envergadura que lhe permita trabalhar num determinado tipo de projectos ou optar, como dizíamos, pela administração, nos seus diversos vectores. Antonia Mayol, Eulàlia González, Xavier Fabré, Marcos Roger, Enric Serra, Isabel Bachs ou Paco Montsó, colaboraram, respectivamente, com Hernández Cros, Dany Freixas, Solà-Morales, Oscar Tusquets, Torres Nadal, Fernando Ramos, Carlos Ferrater estão no primeiro grupo. Armand Fernandes Prates, Jordi Henrich, Jordi Far-

1

*Sí, como dicen, el tiempo acaba situando las cosas en su sitio, la historia acabará un día por dar la razón al que la tiene. Pero justamente la joven arquitectura, por su propia definición, carece de historia, de ese tiempo necesario para asentarse y encontrarse a si misma, el mismo que la vida necesita para madurar y convertirse en vino. La joven arquitectura habla lenguajes prestados y hace patente sus referencias, entre el rendido homenaje y el ensayo “a la manera de”, mientras consolida su propia voz.*

*Si la aseveración de Coderch “no hay arquitectos buenos menores de cuarenta años” fuese cierta, este artículo no tendría sentido. Pero Coderch era amigo del exabrupto fácil. Los tiempos cambian y a pesar de la dificultad de alguien que empieza para acceder a encargos relevantes, en pocas épocas — en nuestra reciente historia — los jóvenes arquitectos ha tenido acceso a proyectos de tanta importancia como en nuestra joven democracia. Esto es debido a dos razones fundamentales: a la creación de un sinfín de obra pública por parte de las administraciones locales, necesitadas de un enorme número de arquitectos; así como al ‘boom’ del diseño y la ‘arquitectura interior’ que ha permitido a jóvenes valores iniciarse en una disciplina más acorde con la escala de alguien que empieza. Los Tomás Morató, Eduard Samsó, Alfred Arribas podrían explicarnos muchas cosas, pero ellos son ya nuestros ‘mayores’, de sobras conocidos, y no tienen cabida en este artículo.*

*Al arquitecto recién estrenado le quedan dos opciones claras: o integrarse en un despacho profesional de cierta envergadura que le permite trabajar en un determinado tipo de proyectos o optar, como decíamos, por la administración, en sus múltiples acepciones. Antonia Mayol, Eulàlia González, Xavier Fabré, Marcos Roger, Enric Serra, Isabel Bachs o Paco Montsó colaborando, respectivamente, con Hernández Cros, Dany Freixas, Solà Morales, Oscar Tusquets, Torres Nadal, Fernando Ramos o Carlos Ferrater estarían en el primer grupo. Armand Fernández Prats, Jordi*



rando, Enric Pericas Montse Torras, Andreu Arriola, ou Carme Fiol estão entre os que optaram pela "administração". A maioria destes últimos trabalha a meio tempo, repartindo o seu tempo entre a câmara e o regime liberal. Nenhum dos citados renuncia não só a projectar como a projectar bem. Existe, também, uma terceira via: a aventura de montar atelier. Não poucos são os que acabam mal, mas outros tantos logram sobreviver sem renunciar a uma arquitectura de qualidade que devem compatibilizar com as exigências da iniciativa privada. Xisco Pizza, Toni Forteza, Felipe Pich, Josep Maria Casadevall ou Mercé Zazurca são só alguns exemplos, entre tantos outros. Compreender o momento actual da jovem arquitectura catalã passa, também, por entender as escolas de arquitectura de Barcelona e de Yalles. Nestas ensinam boa parte dos melhores profissionais do momento: de Bonell e Rius a Garcés e Soria, de Viaplana e Piñon a Elías Torres e Martínez Lapeña. Na Escola ensina Pepe Llinás, ensinam Mateo e Bru e ensina, sobretudo, Enric Miralles, em torno do qual se articulam grande parte dos jovens talentos. Ultimamente, uma nova "fornada" de jovens começa a abrir caminho, ingressando em diversos departamentos. Félix Arranz, Yago Conde, Ton Salvador, Manolo Ruisánchez, Cristina Jover, Joan Forgas, Antonio Sanmartín ou Ramón Muñoz estão entre aqueles que marcarão a arquitectura do próximo milénio. Alguns já ganharam algum prémio FAD, outros construíram na Expo de Sevilha, alguns estiveram nos EUA com bolsa de estudo ou não. Mas todos confiam no concurso como meio de abrir caminho e expressar as suas ideias e preocupações.

Existe uma consciência generalizada entre os jovens de que só o trabalho bem feito será recompensado. Dogma do qual, na Catalunha, nunca se perdeu uma certa dimensão artesanal na construção, um certo pragmatismo, ignorando o abuso do formal visível nas publicações recentes. Por vezes a pobreza limita, mas por outras, ressalva de muito disparate. Os efeitos devastadores do pos-modernismo mal interpretado apenas se fizeram sentir na Catalunha. Os mestres da história são continuamente reavaliados: a referência continua a ser o Movimento Moderno, as vanguardas históricas passadas por essa "peneira" que um conhecido crítico americano baptizou em *Regionalismo Crítico*. A austeridade pode ser boa companheira de viagem. A arquitectura é a mais beneficiada por este esforço e portanto — por arrastamento — toda a cidade, todo o país.

*Henrich, Jordi Farrando, Enric Pericas, Montse Torras, Andreu Arriola o Carme Fiol estarían entre los que han optado por la administración. La mayoría de estos últimos trabajan a media jornada compartiendo su tiempo entre el Ayuntamiento y la profesión liberal. Ninguno de los mencionados renuncia no sólo a proyectar sino a proyectar bien. Existe, también, una tercera vía: la aventura de montar despacho. No pocos son los que acaban mal pero otros tantos logran sobrevivir sin renunciar a una arquitectura de calidad que deben compatibilizar con las exigencias de la promoción privada. Xisco Pizza, Toni Forteza, Felipe Pich, Josep M. Casadevall o Mercé Zazurca con sólo algunos ejemplos, entre tantos otros.*

*Comprender el momento actual de la joven arquitectura catalana pasa, también, por entender las Escuelas de Arquitectura de Barcelona y del Vallès. En ellas enseñan buena parte de los mejores profesionales del momento: de Bonell y Rius a Garcés y Soria, de Viaplana y Piñon a Elías Torres y Martínez Lapeña. En la Escuela enseña Pepe Llinás, enseñan Mateo y Brú y enseña, sobre todo, Enric Miralles, en torno a quien se articula buena parte de las jóvenes promociones. Ultimamente, entre ellos, una nueva hornada de jóvenes empieza a abrirse paso integrándose en distintos departamentos. Félix Arranz, Yago Conde, Ton Salvador, Manolo Ruisánchez, Cristina Jover, Joan Forgas, Antonio Sanmartín o Ramón Muñoz están entre quienes definirán la arquitectura del próximo milenio. Algunos han ganado ya algún premio FAD, otros han construido en la Expo de Sevilla, unos han estado becados en los USA y otros no. Pero todos confían en el concurso como vía de abrirse paso y expresar sus ideas y preocupaciones.*

*Existe una conciencia generalizada entre los jóvenes en la que sólo el trabajo bien hecho será recompensado. Amén de que, en Cataluña, nunca se ha perdido una cierta dimensión artesanal del hecho de construir, un cierto pragmatismo, por encima del abuso formal aparente en las publicaciones del momento. A veces la pobreza limita, pero otras preserva de muchas tonterías. Los devastadores efectos de la postmodernidad mal entendida apenas se han notado en Cataluña. Los maestros de siempre se revisitan continuamente; la referencia sigue siendo el Movimiento Moderno, las vanguardias históricas pasadas por ese tamiz que un conocido crítico americano bautizó como regionalismo crítico. La austeridad suele ser buena compañera de viaje. La arquitectura es la mayor beneficiada de este esfuerzo y por ende — y de rebote — toda la ciudad, todo el país.*

## 2

Este artigo foca uma selecção efectuada, previamente, pelo conselho de redacção da revista, na qual se privilegiou a obra construída em detrimento do projecto. Apesar disso, inclui-se o magnífico projecto de um farol horizontal em Punta Aldea, de Aranda, Tàpies e Vilalta pela sua inegável capacidade para sugerir tipologias alternativas, confirmando que nem tudo está inventado, para quem baseia o seu trabalho na inteligência e honestidade.

A selecção baseou-se no tema da habitação porque, queiramos ou não, costuma ser esse o tipo de encargo confiado aos recém-licenciados. As casas unifamiliares em Pollensa — de Moragas, Albisu e Pradell —, a de San Feliu de Codines — de Mestre e Valls —, a de Estanyol — de Aymerich y Salvadó —, y la propia vivienda de Tonet Sunyer

*Este artículo ilustra una selección efectuada, previamente, por el comité de redacción de la Revista, en la que se ha primado la obra construida sobre el proyecto. A pesar de ello, se incluye el magnífico proyecto de faro horizontal para Punta Aldea, de Aranda, Pigem, Tàpies y Vilalta por su indudable capacidad para sugerir tipologías alternativas, confirmando que no todo está inventado para quien se plantea su trabajo desde la inteligencia y la honestidad.*

*La selección se ha centrado en el tema de la vivienda porque, querámoslo o no, la vivienda suele ser encargo habitual entre aquellos que empiezan. Las casas unifamiliares en Pollensa — de Moragas, Albisu Pradell —, la de San Feliu de Codines — de Mestre y Valls —, la de Estanyol — de Aymerich y Salvadó —, y la propia vivienda de Tonet Sunyer*



3

merich e Salvadó —, e a casa própria de Tonet Sunyer, em Barcelona, realizada em colaboração com Jordi Badia, partilham a vontade de se integrarem nos lugares que ocupam e são um claro expoente de como a arquitectura moderna se pode adaptar às mais diversas envolventes, quando tem noção do seu valor. Não será difícil encontrar as influências de Coderch, Jacobsen, Siza Vieira e Ghery, entre eles.

Em habitação colectiva destacamos um bloco junto ao parque de Torreblanca, na periferia de Barcelona, de Claret, Vallcorba, Montesinos e Belil, que dignifica a sua envolvente com uma qualidade construtiva pouco habitual, ao mesmo tempo que recupera motivos ligados ao realismo italiano dos anos cinquenta. O edifício “entalado” de Enric Pericas, apesar da exiguidade do lote, e sobretudo o de Felipe Pich são algo mais que uma fachada. Ambos trabalham confiantes de que a riqueza interior defina a volumetria exterior numa actitude moderna — e quando digo moderna refiro-me ao atrás exposto. As habitações da equipa Berengué e Roldán apostam na gelosia como elemento de protecção solar e controlo de luz obtendo como resultado uma composição abstracta de inegável valor. Gardella, Rudolph e Mitjans assomariam por detrás dela.

Certos projectos têm outros meios para se dar a conhecer. As fábricas de Lliça de Vall, de Henrich e Marieges; a fábrica Bessius, de Cende e Miren; ou a de Riudellots, de Forgas, Salvado e Gimeno; já foram publicadas em diversas ocasiões. A primeira, com o seu amplo volume circular de tijolo aparente, recorda alguns dos primeiros projectos de La Sota; a segunda é uma clara alusão ao racionalismo radical dos anos vinte, enquanto a fábrica de Riudellots faz da simplicidade construtiva o seu maior atributo. O pavilhão desportivo em Raval, de Jordi Farrando, enfatizando a sua estrutura no meio de um bairro que se recupera do seu passado; o restauro da Câmara Municipal de Sta. Margarida de Montbui, de Miguel Adrià e Joan Fabregat, no qual os arquitectos intervieram tratando por tudo a história; ou o edifício entre empenas de Magda Mária, em que se transforma o modo de ventilar, os mecanismos de defesa pluvial em motivos de composição, são obras que, apesar da natureza pública da encomenda, acreditamos que, ainda assim, encontram outras formas de divulgação.

Entre as intervenções recentes mais interessantes encontram-se as novas praças e parques construídos por iniciativa da Câmara de Barcelona. Por demais conhecidas, a praça dos “Paisos Catalana”, a praça “del Sol”, o parque “de Clot” ou os jardins da “Quinta Amélia” servem de modelo, de certo modo, para intervenções em espaços públicos. Os parques de Carlos I, de Pep Zazurca e Mariona Muxart, e o de Poble Nou, de Manolo Ruisánchez e de Xavier Vendrell, ambos nas imediações da Vila Olímpica, são a resposta mais recente e figuram por mérito próprio na seleção.

Por último, resta dizer que não há melhor forma de ver o elevado nível das novas realizações do que analisar os projectos de fim de curso, dos últimos anos. Os projectos de Gustavo Gili, Elisabeth Cirici, Jaume Turró, David Ramos, Silvia Ortega, ou Monica Recoder, para citar alguns dos mais recentes, são uma pequena amostra da saúde de que goza a escola. A passagem do testemunho está mais que assegurada.

*parten la voluntad por adecuarse a las geografías que ocupan y son un claro exponente de cómo la arquitectura moderna puede integrarse en los más diversos entornos cuando sabe qué quiere contar. No sería difícil rastrear las influencias de Coderch, Jacobsen, Siza Vieira y Ghery, entre ellas.*

*En vivienda colectiva destacaríamos un bloque junto al parque de Torreblanca, en la periferia barcelonesa, de Claret, Vallcorba, Montesinos y Belil, que dignifica su entorno con una calidad constructiva poco habitual, a la vez que recupera temas ligados al realismo italiano de los años cincuenta. El edificio entre medianeras de Enric Pericas, a pesar de lo exiguo del solar, y, sobre todo, el de Felipe Pich son algo más que una fachada. Ambos trabajan en la confianza de que la riqueza espacial interior defina la volumetría exterior en una actitud moderna — y cuando digo moderna me remito a lo anteriormente enunciado —. Las viviendas del equipo Berengué y Roldán apuestan por la celosía como elemento de protección solar y control luminico obteniendo como resultado una abstracción compositiva de indudable valor. Gardella, Rudolph y Mitjans, asomarían por detrás de ellos.*

*Ciertos proyectos tienen otros canales para darse a conocer. Las fábricas de Lliça de Vall, de Henrich y Marieges; la fábrica Bessius, de Conde y Miren; o la de Riudellots, de Forgas, Salvado y Gimeno, han sido ya publicadas en numerosas ocasiones. La primera, con su rotunda volumetría de obra vista recuerda algunos de los proyectos del primer de la Sota; la segunda es una clara alusión al racionalismo radical de los años veinte, mientras la fábrica de Riudellots hace de la simplicidad constructiva su mayor atributo. El polideportivo del Raval, de Jordi Farrando, enfatizando su estructura en medio de un barrio que se recupera de su pasado; la rehabilitación del Ayuntamiento de S.ª Margarida de Montbui, de Miquel Adrià y Joan Fabregat, en la que los arquitectos intervienen hablando de tú a tú a la historia; o la medianera de Magda Mária, en la que se usa la ventilación del tabique pluvial como motivo compositivo, son obras que, dada la naturaleza pública de su encargo, confiamos que, asimismo, encuentren otros canales de difusión.*

*Entre las actuaciones recientes más interesantes se encuentran las nuevas plazas y parques construidos a iniciativa del Ayuntamiento de Barcelona. De sobras conocidas, la plaza dels Paisos Catalans, la plaza del Sol, el parque del Clot o los jardines de la Quinta Amelia dan pautas de cierta manera de intervenir a la hora de definir del espacio público. Los parques de Carlos I, de Pep Zazurca y Mariona Muxart, y el del Poble Nou, de Manolo Ruisánchez y de Xavier Vendrell, ambos en los alredores de la Vila Olímpica, son la respuesta más joven y figuran por méritos propios en la selección.*

*Por último decir que no hay mejor pulso para ver el altísimo nivel de las nuevas promociones que analizar los proyectos fin de carrera de los últimos años. Los proyectos de Gustavo Gili, Elisabeth Cirici, Jaume Turró, David Ramos, Silvia Ortega, o Mónica Recoder, por citar algunos de los más recientes, son una pequeña muestra de la salud de que goza la escuela. El relevo está más que asegurado.*

